

4.10.83

# Duas questões escaldantes, as múltis e o 2.º Mundo

18/83

**IGNÁCIO M. RANGEL**

Temos, a esta altura dos acontecimentos, toda uma série de "projetos de saída" para a crise brasileira. Teotônio Vilela, Ulisses Guimarães, a dupla Conceição-Lessa, Celso Furtado, os 12 da Carta, etc. Sem omitirmos o "Projeto Delfim", de cuja existência é lícito suspeitar. Cada um pinta o quadro ao seu modo, conferindo prioridade a esta ou àquela variável. Mas todos os projetos são igualmente omissos quanto a dois pontos:

a) que papel atribuir às empresas estrangeiras aqui radicadas, especialmente ao estratégico problema de suas plausíveis sobras de caixa, em moeda brasileira, uma espécie evanescente, de difícil conservação?

b) idem, ao mundo socialista, também chamado de segundo mundo.

Como se fosse possível pensar validamente um universo assim amputado de componentés tão essenciais. Não é razoável supor que os "projetistas" ignorem essas questões. O caso é que são questões politicamente escaldantes, que nos podem queimar os dedos. Se indicarmos papel significativo para as empresas estrangeiras, não faltará quem nos apode de entreguistas; se apontamos para as possibilidades abertas pelo mundo socialista, especialmente para a União Soviética, que, obviamente, não está em leilão, como parecia estar a Polônia, há dois ou três anos, não faltará quem nos diga vendidos ao "ouro de Moscou".

Não obstante, os fatos são teimosos. Enquanto não descalcarmos as luvas — ou, ao contrário, calçarmos as luvas de incêndio — o problema da saída para a crise permanecerá em suspenso. Com efeito, desde Cabral, aportam às nossas praias, periodicamente, levas de aventureiros, com a firme intenção de encher os bolsos e picar a mula, retornando aos seus pagos. Alguns conseguem fazê-lo e outros fracassam. Estes "fracassados" são os mais importantes para nós, porque, com o que aqui ganharam, mais ou menos honestamente, integram-se ao nosso solo sócio-econômico, passam, volens nolens, a fazer parte do Brasil. Ora, não haveria razão para supor que as coisas se devam passar diferentemente, agora, com as multinacionais.

Por outro lado, o mundo socialista é parte integrante do mundo contemporâneo. Não apenas seu descentralizado poder político-militar compõe a realidade do nosso mundo e não pode ser ignorado, como não é de todo impossível que ele possa passar a ocupar a posição de centro dinâmico da economia mundial, em substituição aos Estados Unidos, país obviamente desqualificado para essa função, pela presente crise mundial. Afinal, por maior que seja o peso específico de um país, não é fechando o próprio mercado, preservando-o para o produtor nacional, que ele pode cumprir a função de centro dinâmico da economia mundial. Nem todos os países capitalistas, desenvolvidos ou não, podem safar-se, como os Estados Unidos o estão fazendo (ou tentando fazer) por um planejamento visando a autarcia, a auto-suficiência. Outro tipo de planejamento — porque planejamento será — orientado para o estímulo ao intercâmbio internacional, para a abertura, não para o fechamento da economia, torna-se necessário e, para isso, a União Soviética está muito mais qualificada. Operações como a do gasoduto Sibéria-Europa são apenas o ponto de partida para esse novo tipo de relacionamento.

A superação da presente crise brasileira exigirá tomadas corretas de posição quanto a essas duas questões. Não faz sentido, como o faz Celso Furtado, ainda em seu último livro (Não...), supor, como o mais bronco dos "monetaristas", que temos insuficiência de poupança, em vez de verificar onde, na presente conjuntura, se localiza a capacidade ociosa e como utilizá-la (porque poupança é isso), nem limitar os horizontes do nosso comércio exterior aos países capazes de pagar-nos na espécie das dívidas, as chamadas moedas convertíveis, que são moedas de países em crise.

Temos que preparar-nos para viver, buscando suprimentos alternativos, dentro ou fora do País, quando suspendermos, como é inevitável, o serviço da dívida.

Ignácio M. Rangel é economista e formado em Direito, presidente do Conselho Regional de Economia — Rio de Janeiro e autor de vários livros, entre eles "A Inflação Brasileira" e "Tecnologia — Ciclo e Crescimento".